

# Invasores de área ecológica querem receber lote no Areal

*Famílias que vivem na invasão do Parque Saburo Onoyama reivindicam assentamento em local destinado para população carente*

**F**ixados há seis anos em Taguatinga Sul, os moradores da Invasão do Parque Onoyama estão reivindicando lotes em uma área que garantem ter sido criada para acomodá-los, na Expansão do Areal. Encontram, porém, resistência da administração local que, segundo os invasores, lhes prometeu lotes em Samambaia. A Expansão do Areal foi criada em 1998 pelo governo Cristovam para alojar famílias carentes de várias áreas do Distrito Federal.

Como permanecer na invasão do Saburo Onoyama é inviável tanto para o governo como para os moradores, por causa do prejuízo para o meio ambiente, ocorrências policiais e falta de estrutura, a solução seria realmente transferir os 415 invasores.

No dia 27 de abril, a comunidade, representada pelo líder Francisco das Chagas, entregou um documento à Administração Regional com a finalidade de que chegasse às mãos do governador Joaquim Roriz.

No documento os invasores afirmam que a expansão do Areal, em Taguatinga Sul, foi criada para receber as famílias do Parque Onoyama, mas que na realidade isso não aconteceu.

Os moradores sugerem a criação dos conjuntos X, Y e Z na Expansão do Areal, que serviria para acomodar os invasores do Onoyama. “Esses conjuntos ficariam em uma área que ainda não existe no mapa. Atualmente quem ocupa a expansão do Areal são cooperativas e outros invasores”, afirma Francisco das Chagas.

Segundo Francisco, a proposta da Administração de Taguatinga seria colocá-los em uma área em Samambaia. Os invasores não aceitam a sugestão. Alegam, entre outros fatores, que os filhos estudam em escolas próximas à invasão. O administrador de Taguatinga, Valdemar Aguiar, descartou no entanto qualquer possibilidade de que a invasão vá para o Areal. “É certo que eles não irão para lá. Vamos procurar acomodá-los em outro local, mas ainda

não sabemos quando e onde”, afirma.

## POBREZA

O primeiro morador da invasão do Parque Saburo Onoyama, Cleomenes de Oliveira, 55 anos, chegou no local há quase seis anos, ainda no primeiro governo de Joaquim Roriz. Instalou-se atrás da Igreja Batista Esperança, que fica na QSD 24, em Taguatinga. Com medo dos animais selvagens, cercou seu barraco com arame farpado.

“Tenho seis filhos sabe, e tinha um bicho comedor de osso que saía de uma toca e arrastava tudo quanto é osso para o mato. Fiquei com medo, comprei arame farpado e cerquei o barraco”, conta Cleomenes. O tempo passou e logo o barraco de Cleomenes não era mais o único. Atualmente, 415 pessoas moram na invasão, segundo o último censo realizado. “Na verdade esse número já é maior”, atesta o líder da invasão Francisco das Chagas Lima Lourenço. “A cada dia que passa, a invasão aumenta”, conclui Francisco.

Com a chegada de novos invasores, vieram também problemas mais graves, como a ameaça ao meio ambiente — a área é uma reserva ecológica — e a criminalidade.

de. “Foram cinco mortos aqui nesses anos, fora os que morreram a caminho do hospital”, conta Cleomenes, aposentado por invalidez.

Os assassinatos trouxeram a polícia. “Como eu era o líder da invasão, os policiais sempre queriam falar comigo, mas nunca me arrocharam porque sabiam que eu sou pai de família”, diz o aposentado. Além de causarem problemas para a polícia e para o meio ambiente, os invasores também não se sentem bem morando em um local onde não há água potável, o lixo é jogado em qualquer lugar e a energia elétrica é obtida por meio de gambiarras.

“A água da cisterna é muito suja. Para buscar água temos que andar de 700 metros a um quilômetro com carrinhos de mão”, conta o mestre de obras Roque Gomes da Paixão, morador da invasão há seis anos. Sua irmã, Josefa Aparecida Gomes, 51 anos, chama atenção para o problema dos roedores e insetos que se multiplicam entre o lixo e o cheiro fétido espalhados por toda a invasão.

“Outro dia desses um rato mordeu um menino. Ele teve que ir para o hospital”, diz Josefa que não se espanta mais com o ataque dos roedores. “Volta e meia, eles mordem alguém.”

615/99 CB  
Pg 6

Documentação